

# Ser professor uma reflexão nos 30 anos da APM

*É o nosso começo que visitamos, não o nosso fracasso, obscuridade ou limite<sup>[1]</sup>*

Com este número a Educação (e) Matemática abre o ano em que a APM comemora o seu 30.º aniversário. Este é portanto um ano em que, de maneira especial, refletimos sobre nós próprios. Um ano em que somos convidados a fazer uma viagem aos nossos lugares primordiais, a esses lugares aonde incessantemente se torna porque são o nosso futuro, porque neles está inscrito o que *somos* e o que *somos chamados a ser*. Percorrer os caminhos da memória de forma positiva e não nostálgica é procurar essa sabedoria das coisas que nos permite estar em cada presente com a riqueza da herança recebida, com a responsabilidade de lhe sermos criativamente fiéis e com a audácia inteligente de abrir caminhos de futuro.

A APM não nasceu por decreto ou de geração espontânea. Quando a 19 de setembro de 1986, numa assembleia geral de professores realizada durante o ProfMat de Portalegre, *por decisão unânime e sob uma grande aclamação, foi aprovada a criação da APM*, havia por trás um intenso trabalho de um punhado de professores que se organizaram, nos inícios dos anos oitenta, no «Grupo para a Renovação do Ensino da Matemática» (GREM), na sequência do 1.º Encontro Nacional da SPM. Neste encontro, que teve lugar em março de 1980 em Lisboa e que contou com cerca de 500 participantes, as comunicações da *Secção de Ensino* e os seus autores viriam a dar o pontapé de saída para a criação do GREM, com a publicação da *Inflexão*, uma folha informativa que iria tornar-se num veículo importante do movimento, cada vez mais amplo, que levaria ao nascimento da APM (e talvez tenha sido a antepassada mais direta da *Educação e Matemática*). Este punhado de professores, entre os quais encontramos nomes que nos são familiares (Cristina Loureiro, Henrique Manuel Guimarães, João Filipe Matos, João Pedro Ponte, José Manuel Matos, Leonor Filipe, Leonor Vieira, Lurdes Serrazina, Paula Teixeira, Paulo Abrantes, Raul Carvalho, entre outros) foi semente, ou pedra lançada à água como a que Leonor Moreira descreve num

texto emblemático saído na primeira E&M: *lança-se uma pedra à superfície de um lago. A toalha de água, até esse instante lisa e serena, enruga-se em círculos concêntricos cada vez mais amplos (...), terminando com o aviso, não deixes que a água se aquiete.*

Na Assembleia Geral fundacional também *se aprovaram os estatutos, ultimados com afã no dia anterior, já a noite ia alta, e se elegeu a primeira direcção*. Foi eleita presidente da APM, Leonor Filipe, a quem foi atribuído também o número 1 de associada.

Se faço este resumo dos nossos começos é para revisitar a força e o poder dos professores, quando unidos e mobilizados por uma causa. E a destes era clara: promover a renovação do ensino da Matemática e a valorização profissional dos professores desta disciplina.

Trinta anos depois, em termos de políticas educativas e de vida associativa, temos vindo a experimentar as várias fases de um ciclo: as esperanças de uma primavera inicial, os frutos prometedores de verões de abundância, o cair outonal de muitas ilusões, a aridez de invernos onde tudo nos parece coberto de uma capa de gelo. No entanto, como recordava o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI<sup>[2]</sup>, coordenada e prefaciada por Jacques Delors, sabemos que *não há reforma com sucesso sem a contribuição e participação activa dos professores. (...) Pede-se muito aos professores, demasiado até. Espera-se que remediem as falhas doutras instituições, também elas com responsabilidades no campo da educação e formação dos jovens. Pede-se-lhes muito, agora que o mundo exterior invade cada vez mais a escola, principalmente através dos novos meios de informação e de comunicação.*

Por isso, quando ouvimos dizer que se perdeu os professores mas se ganhou os pais e a população, testemunhámos um duro golpe dado na Escola com consequências já visivelmente graves e que se podem tornar dificilmente irreversíveis se não forem rapidamente contrariadas, no discurso

e na ação porque, infelizmente, quando se perde os professores, perde-se inevitavelmente a Escola que se converte num lugar de funcionários descontentes e desgastados, sem capacidade de resistência a políticas centrais e a políticas caseiras.

Perde-se os professores e fica o campo, onde antes se semeava, transformado em campo de batalha. E depois pode vir tudo: maus currículos, más políticas e práticas avaliativas, *rankings* absurdos, direções escolares despóticas que controlam até o simples teste, a simples ficha de trabalho... Perde-se os professores e com eles se perde o saber e o conhecimento profissional que lhes é próprio, o entusiasmo do seu desempenho, a criatividade na busca de soluções, a atenção às particularidades dos seus alunos e contextos, a gratuidade com que se dedicam à *sua* escola, agora convertida em lugar de tudo mensurar e sopesar, um vasto agrupamento onde todos são mais distantes, mais anónimos, menos importantes, menos pessoas.

É urgente mudar com os professores e através dos professores. É urgente, por isso, reconstruir o tecido educativo reerguendo os professores. É imprescindível recuperar os professores, ganhar os professores, confiar nos professores. Ganhá-los para a esperança que, no dizer de Hannah Arendt<sup>[3]</sup>, *reside sempre na novidade que cada geração traz consigo* e que por isso nos exige uma opção consciente pelo ato educativo que nunca é neutro, e pelo tempo presente que nos desafia em cada momento. Acrescenta Arendt, *a educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo* — e eu acrescentaria, explicitando, *o tempo, o nosso tempo — para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens.*

Este é um dos grandes desafios presentes para a APM: ganhar os professores para o entusiasmo pela tarefa educativa, para o debate e a partilha de conhecimentos, experiências, reflexões. Recuperarmos a consciência e a convicção de que juntos podemos de novo olhar para a Escola e para o ensino da Matemática como uma causa maior. Uma Escola mais forte, um ensino que proporcione aprendizagens significativas. A força desta Escola, será a força dos seus professores, reunidos à grande mesa do Saber para o repartir. Um saber herdado mas sobretudo um saber que se atualiza, se constrói e reconstrói, se coloca ao serviço do bem comum; um saber que proporcionamos, que tornamos acessível, para que cresçam outros saberes e se renove assim, permanentemente, o conhecimento e a sabedoria. Um Conhecimento que possibilite o Futuro; uma Sabedoria cada vez mais Humana que o torne habitável.

#### Notas

- [1] José Tolentino Mendonça, *As estratégias do desejo*, Coto-  
via, Lisboa, 1994.
- [2] UNESCO, 1996, *Learning: the treasure within*; tradução  
portuguesa: *Educação, um tesouro a descobrir*, ASA, Por-  
to, 1996.
- [3] Arendt, Hannah, *A crise na Educação*, in *Quatro textos ex-  
cêntricos*, prefácio e tradução de Olga Pombo, Relógio  
d'Água, Lisboa, 2000, p. 52.

#### LURDES FIGUEIRAL

PRESIDENTE DA DIREÇÃO